



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS V  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS  
CURSO DE BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**LUAN DO NASCIMENTO SILVA**

**ARTE E ESTÉTICA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS:  
UMA ABORDAGEM HETERODOXA PARA A CONSTRUÇÃO DA PAZ**

**JOÃO PESSOA-PB  
2017**

**LUAN DO NASCIMENTO SILVA**

**ARTE E ESTÉTICA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS:  
UMA ABORDAGEM HETERODOXA PARA A CONSTRUÇÃO DA PAZ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais

**Área de concentração:** Relações Internacionais.

**Orientador:** Prof. Dr. Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann.

**JOÃO PESSOA-PB  
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586a Silva, Luan do Nascimento.  
Arte e estética nas relações internacionais [manuscrito] :  
*uma abordagem heterodoxa para a construção da paz* / Luan  
do Nascimento Silva. - 2017.  
32 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações  
Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2017.  
"Orientação : Prof. Dr. Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann,  
Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA."  
  
1. Estratégias artísticas. 2. Virada estética. 3. Construção  
da paz.

21. ed. CDD 327.172

LUAN DO NASCIMENTO SILVA

ARTE E ESTÉTICA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: UMA ABORDAGEM HETERODOXA PARA A  
CONSTRUÇÃO DA PAZ

Monografia apresentada ao Curso de Relações Internacionais  
da Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovado(a) em 12 / 12 / 2017.



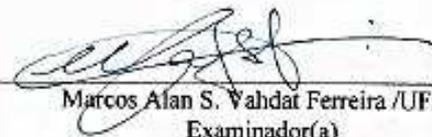
---

Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann /UEPB  
Orientador(a)

Ana Paula Maiclo Silva

---

Ana Paula Maiclo Silva /UEPB  
Examinador(a)



---

Marcos Alan S. Vahdat Ferreira /UEPB  
Examinador(a)



---

Luis Eduardo Santos de Oliveira Ramos /SEDEC  
Examinador(a)

Aos meus pais, que mostraram com muita simplicidade a importância de amar.  
A vocês, dedico esta pesquisa.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Dona Leu e Elinaldo, que sempre estiveram ao meu lado, que sempre lutaram pela minha educação, que me mostraram a importância de se dedicar, de correr atrás dos sonhos e o mais importante, que me mostraram o que é o amor. Às minhas irmãs, Thamillys e Sâmila, “furstrecas” com quem tanto arenguei, mas com quem compartilhei os momentos mais felizes da minha vida e, acima de tudo, que me ensinaram a amar mesmo com as diferenças.

À minha amiga e companheira, Victória, que apoiou minha decisão de estar distante na busca por realizar um sonho, que suportou (e ainda suporta) toda minha chatice e que demonstrou bastante carinho nesses mais de cinco anos em que compartilhamos nossas jornadas.

Ao meu querido professor, mentor, amigo e (des)orientador, Mancada Obom, que me acolheu na família do PUA e que através de seu jeito louco (e genial) me provocou a transcender e pensar sempre fora da caixinha. Gratidão por todos os ensinamentos, por apresentar novos caminhos a serem trilhados e por ter aceitado me guiar na construção deste trabalho.

À professora Ana Paula, a quem tanto admiro e sou grato pelos ensinamentos, seja na forma de pensar ou de agir criticamente (ou melhor, indisciplinadamente). Fico grato por sua participação e contribuição em mais essa etapa da minha vida acadêmica.

Ao professor Marcos Alan, que aceitou avaliar e participar da construção deste trabalho. Fico grato em receber seus apontamentos e críticas.

Ao professor e amigo puano, Luís, uma das inspirações para o desenvolvimento desta pesquisa. Fico grato por ter aceitado participar da avaliação deste trabalho.

Aos meus amigos mais antigos, Igor Silva, Guilherme Luna, Beatriz Barros, Jaque “Balaio”, Lucão Lucena, Samara Dias, os irmãos Essinho e Guilherme Dias e aos amigos do Ateliê 19, pelos encontros, risadas, conversas, artes e pelos momentos mais loucos da minha vida.

Aos “diplomamatas”, amigos que a universidade me deu e sem os quais não teria sobrevivido à graduação: Maria Clara, Rique, Sarah, Lau, Aluísio, Jakellynne, Laura, Jéssica, Filipe, Laryssa e Carol. E aos amigos que ganhei no Centro Acadêmico de RI, Ana Bárbara, Monalisa, Eduarda, Kevin, Ananda, Pedro e Valfrido, pela demonstração de companheirismo, resistência e proatividade dentro e fora do movimento estudantil.

Ao meu bando de malucos e malucas favorito, a família PUA: Suerda, Mayane, Edith, Kalyandra, Gerlienne, Gabriel, Raabe, Nertan, Jefferson, Arthur, Éwerton, Rina, Eduarda

Peres, Catarina, Livia, Caue, e tanta gente mais que colabora (ou colaborou mesmo que por pouco tempo) com o fortalecimento desse projeto.

Aos colegas de classe e também grandes amigos, Yasmim (*In memoriam*), Marcia, Monique, Diego, Sabrina Lima, Rachel, Bárbara, Matheus, Rayssa, Mariana, Lisandra, Jordy, Ana Clara, Suanderson, André, Millena, Patrícia, Mayara, Sabrina Araújo, Magna e Renato, pelas discussões, conversas, fichamentos compartilhados e pelo forte companheirismo ao longo da graduação.

Aos professores da UEPB que tanto contribuíram com a minha formação acadêmica e que, de alguma forma, me incentivaram a pensar criticamente: Sílvia Nogueira, Henrique França, Fábio Nobre, Alexandre César C. Leite, Julio César C. Medina (*In memoriam*), Murilo Mesquita, Jan Marcel Lacerda, Jeane Freitas e Wemblemey Lucena.

Aos sempre atenciosos funcionários da UEPB, em especial a Sandra e Niedja da secretaria do curso de RI, a Ellem da secretaria do PPGRI/UEPB, a Kefson e Hélder da secretaria de Centro, a Júnio e Isabelle da biblioteca e a Filipy da Coordenadoria de Tecnologia da Informação e Comunicação. Sem esquecer da tia Eva e seu Antônio da cantina, sempre muito afetuosos.

Gratidão!

*“Emancipate yourselves from mental slavery  
None but ourselves can free our minds”.*

(Bob Marley - Redemption Song)

*“A árvore que não dá fruto  
É xingada de estéril.  
Quem examinou o solo?*

*O galho que quebra  
É xingado de podre, mas  
Não haveria neve sobre ele?*

*Do rio que tudo arrasta  
Se diz que é violento  
Ninguém diz violentas  
Às margens que o oprimem”.*

(Bertolt Brecht)

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>A VIRADA ESTÉTICA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS .....</b>	<b>11</b>
<b>3</b>	<b>ESTUDOS CRÍTICOS DE SEGURANÇA E EMANCIPAÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>4</b>	<b>A VIRADA LOCAL NOS ESTUDOS PARA A PAZ .....</b>	<b>17</b>
<b>5</b>	<b>ESTRATÉGIAS ARTÍSTICAS PARA A CONSTRUÇÃO DA PAZ .....</b>	<b>21</b>
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>26</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>29</b>

## ARTE E ESTÉTICA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: UMA ABORDAGEM HETERODOXA PARA A CONSTRUÇÃO DA PAZ

Luan do Nascimento Silva\*

### RESUMO

A arte constitui uma forma de comunicação e expressão humana e pode ser instrumentalizada para a transformação de conflitos; enquanto a estética se refere a uma abordagem pós-positivista que recupera o aspecto sensorial na lógica de produção de conhecimento. Essas perspectivas críticas, radicais, ou mesmo heterodoxas, são constantemente marginalizadas pelo *mainstream* da disciplina de Relações Internacionais, embora nas últimas décadas tenham sido evidenciadas em agendas de pesquisa nas áreas dos Estudos Críticos de Segurança e dos Estudos para a Paz, em especial, pelo resgate do local como espaço de representação de uma das múltiplas faces da política internacional. Por isso, no intuito de compreender o papel da arte e da estética no processo de construção da paz, foi construído um debate explanatório que pudesse relacionar abordagens teóricas com a aplicação prática das estratégias artísticas. Por fim, verifica-se a efetividade dessas abordagens para a construção da paz, destacando o papel do local e das emoções para transformação social.

**Palavras-chave:** Estratégias artísticas. Virada Estética. Construção da Paz.

### 1 INTRODUÇÃO

As artes exercem papel fundamental nas relações sociais, em especial no que diz respeito à comunicação e expressão dos seres humanos. Contudo, apesar de as artes terem a capacidade de influenciar na dinâmica das relações humanas, as funções sociais das artes são constantemente marginalizadas pelas abordagens tradicionais da disciplina das Relações Internacionais.

É necessário, portanto, compreender a “virada estética” nas Relações Internacionais, onde a estética é percebida como uma abordagem que proporciona maior compreensão da política mundial, para além das restrições acadêmicas da disciplina. Sendo assim, a abordagem estética tem por objetivo evidenciar a lacuna entre a forma de representação e aquilo que pretende ser representado, isto é, dá-se ênfase na relação estética entre o sujeito e o objeto – entre a representação e o representado, entre o significante e o significado, entre o outro e o eu.

A experiência estética, como resgate dos sentidos e do corpo na lógica de produção de conhecimento, proporciona a conscientização aos moldes da perspectiva de Paulo Freire, cuja

---

\* Estudante do Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba - Campus V.  
Email: luandonascimentosilva@gmail.com.

libertação dos indivíduos parte da autorreflexão sobre as estruturas sociais de opressão e do estímulo para transformar essa realidade. A partir de então, ao considerar a liberdade como premissa basilar da emancipação humana, percebe-se que a conscientização corrobora com processos emancipatórios que geram segurança positiva – atrelada à concepção de que a capacitação e a autonomia dos indivíduos são fontes geradoras de segurança. Destarte, essa ótica ampliada sobre produção de conhecimento das abordagens estéticas reforça ainda o resgate do local pelos Estudos para a Paz, consolidando a noção de que o local é parte ativa do processo de transformação da realidade social.

Nesse sentido, é importante verificar como as artes podem ser consideradas ferramentas que, por meio da abordagem estética, auxiliam na transformação dos relacionamentos humanos. Conseqüentemente, é evidenciado o possível uso estratégico das artes para a construção da paz, tendo em vista que as artes conseguem alterar as dinâmicas dos conflitos humanos ao providenciar uma plataforma não só de geração de segurança positiva e emancipatória, mas principalmente de estabelecimento de uma cultura de paz.

Por isso, almejando compreender o papel da arte e da estética no processo de construção da paz, o trabalho foi dividido em quatro seções principais e tiveram ênfase na “virada estética” das Relações Internacionais; nos Estudos Críticos de Segurança e Emancipação; na “virada local” dos Estudos para a Paz; e especificamente sobre as estratégias artísticas para a construção da paz. Nessa última seção é verificada a importância das emoções para a política mundial, destacando uma antiga tendência das análises internacionais e marcando uma “virada emocional” na disciplina de Relações Internacionais.

## **2 A VIRADA ESTÉTICA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

As artes foram ignoradas por muito tempo no campo das relações internacionais (LISLE; DANCHEV *apud* BLEIKER, 2009, p. 04). Entretanto, admite-se que a dinâmica acadêmica mudou e, nos últimos anos, tem surgido de forma expressiva – tanto quantitativamente, quanto qualitativamente – propostas de investigação sobre as artes na política internacional. Dessa forma, a virada estética se tornou uma importante e reconhecida área de estudos nas relações internacionais (BLEIKER, 2009).

Por arte compreende-se aquilo que é objeto, material ou imaterial, enquanto que por estética, compreende-se a produção e percepção, isto é, “arte está na coisa; Estética, no sujeito e em seu olhar” (BOAL, 2009, p. 22).

Logo, as abordagens estéticas denunciam a lacuna que há entre as formas de representação e aquilo que se pretende representar, ou seja, nessa abordagem, aceita-se que há uma lacuna entre representação e representado pois, independente da abordagem adotada, não é possível capturar a essência do que está sendo representado, porém, ao admitir a inevitabilidade da interpretação e abstração no processo de representação da realidade, pressupõe-se que se parte de um ponto específico no espaço-tempo, isto é, pressupõe-se que as formas de representar a realidade são construídas socialmente como reflexo do contexto, dos valores e das práticas dos indivíduos, colocando em cheque a pretensa neutralidade das abordagens tradicionais (BLEIKER, 2001).

Essas abordagens demonstram sua relevância política ao enfatizar as práticas de representação na política internacional. Essas abordagens “destacam como entendemos e construímos o mundo em que vivemos” (BLEIKER, 2009, p. 08). Em contrapartida às abordagens tradicionais, em especial as fundamentadas na epistemologia positivista, que partem do pressuposto de que podem compreender e representar a realidade internacional de forma objetiva e neutra, isto é, sem exprimir valores. Nesse sentido, a estética política visa, através do engajamento artístico, contestar não só como pensamos, mas também como representamos a política.

Para além do reconhecimento dessas lacunas, na virada estética são utilizados variados recursos teóricos e filosóficos para desenvolver novas perspectivas de compreensão da realidade que evidenciem as estruturas de opressão e, através de práticas pedagógicas críticas, demonstrar que o desconforto de instrutores e estudantes perante essas estruturas pode ser produtiva ou mesmo transformativa, isto é, deve-se pensar na pedagogia como ação estética que confronta a urgência da política mundial e busca superar suas limitações (STEELE, 2016).

É a partir do Terceiro Debate na disciplina de Relações Internacionais que se revisa de forma crítica a lógica racionalista de produção de conhecimento, assim, abordagens pós-positivistas como o pós-estruturalismo e o pós-modernismo surgem desse debate e apresentam contribuições na busca por novas formas de compreender a política mundial (JESUS; TÉLLEZ, 2014).

Campbell (2010, p. 223) infere que “toda forma de compreensão sobre a política internacional depende de abstração, representação e interpretação”. Essa sentença é colocada pelo fato do mundo e dos conceitos abordados nas Relações Internacionais serem meramente abstrações, representações e/ou interpretações sobre o que se compreende como realidade. Percebe-se, então, a importância da relação entre poder e conhecimento. Dessa forma, o pós-estruturalismo não pode ser considerado somente uma teoria das Relações Internacionais, mas

sim uma atitude/abordagem/ethos para a compreensão da política internacional. Logo, “como atitude crítica em vez de teoria, o pós-estruturalismo, ao invés de ver distinção *entre* teoria e prática, vê teoria *como* prática” (*ibidem*, p. 225).

A lógica de produção de conhecimento no pós-modernismo vai além do processo cognitivo, inserindo questões normativas e políticas. Devetak (2005) se baseia na percepção Foucaultiana do relacionamento entre formas de interpretação e operações de poder, cuja produção de conhecimento está interligada a concepção de poder. Segundo Angélica Cruz (2010), a partir de uma perspectiva feminista, no pós-modernismo admite-se que há uma multiplicidade de olhares (e formas de olhar) e de interpretações sobre a realidade tidas como verdadeiras; por vezes essa multiplicidade se torna desconfortável ao tornar sujeitos em objetos, em consequência, essa objetificação rejeita a possibilidade desses sujeitos de se representarem. A objetificação afasta daquele que é sujeito os meios simbólicos e estéticos de se expressar e, por isso, de se representar; marginaliza ainda suas práticas e ignora sua existência; impõe-se uma verdade, um olhar violento sobre o outro.

Além disso, “é importante compreender a noção de genealogia, já que se tornou crucial para muitas perspectivas pós-modernas nas Relações Internacionais. A genealogia é, simplesmente, um estilo de pensamento histórico que expõe e registra o significado da relação poder-conhecimento” (DEVETAK, 2005, p. 163).

A virada estética, então, permite identificar as relações de poder e compreendê-las como construções histórico-sociais. A partir dessa perspectiva, possibilita-se a instrumentalização da experiência do sensível (através das artes) para “reconfigurar as relações associativas entre os indivíduos” (PANAGIA, 2009, p. 2-3 *apud* JESUS; TELLEZ-ZEPEDA, 2014, p. 64).

As artes possibilitam a reconfiguração simbólica e material do espaço comum, mas não somente. Ao abordar a experiência do sensível através da relação entre a arte e o comum, Rancière (2010) aponta que as funções da arte de transmitir mensagens e sentimentos e de representar o mundo não a tornam política, o que a torna política é a forma como ela constitui o espaço-tempo através da estética do sublime e da arte “relacional”:

Na estética do sublime, o espaço-tempo de um encontro passivo com o heterogêneo coloca em conflito dois regimes de sensibilidade. Na arte “relacional”, a construção de uma situação indecisa e efêmera convoca um deslocamento da percepção, uma passagem do estatuto de espectador ao de ator, uma reconfiguração dos lugares marcados. Em ambos os casos, o atributo da arte é operar um novo recorte do espaço material e simbólico. E é nesse ponto que a arte toca a política (RANCIÈRE, 2010, p. 20).

Dessa forma, a constituição do espaço-tempo pela arte, ou ainda, pela experiência do sensível, evidencia a relação entre a estética e a política, ou como abordado por Rancière (2010, p. 21), a relação entre a estética da política e a “política da estética”. A partir daqui, verifica-se que a arte toca a estética no que se refere à sensibilidade e toca a política no que diz respeito ao seu viés transformador; ambas as dimensões necessárias para a reconfiguração de relações associativas entre indivíduos com base em aspectos pacíficos.

Augusto Boal (2009) fala sobre duas formas do pensamento, pensamento simbólico e pensamento sensível. O primeiro é noético, é língua. O segundo é estético, é linguagem. Mas é no pensamento sensível que os significados e significantes se encontram inseparáveis. O conhecimento sensível é inerente ao processo de absorção de informações, enquanto o pensamento sensível é ação, organiza e transforma o conhecimento. Pensar transforma o indivíduo. Para tanto, é sugerida a transcendência da razão simbólica, expressa em palavras, fomentando a razão sensível que, expressa em sons e imagens, isto é, expressa de forma estética, considerando-a uma forma de compreensão e organização cognitiva.

Segundo Comparato (1998), a racionalidade humana não está presa a racionalidade lógica ou geométrica, pois a razão humana reflete sua capacidade expressional, cujas dimensões incluem a emotividade e a sensibilidade. Aqui evidencia-se a existência de uma razão axiológica, que faz parte da essência dos seres humanos e que os capacita a trabalhar valores (estéticos, éticos, religiosos, etc.).

Dessa forma, “o pensamento sensível, que produz arte e cultura, é essencial para a libertação dos oprimidos, amplia e aprofunda sua capacidade de conhecer” (BOAL, 2009, p. 16), pois essa forma de pensamento conscientiza e tem a capacidade de transformar a realidade. Além do mais, o domínio sobre a palavra, o som e a imagem consiste numa primeira forma de opressão e é também através desses três canais que deve ocorrer a luta dos oprimidos por sua libertação.

Conforme Paulo Freire (1987), a conscientização da própria condição de opressão constrói o caminho para a libertação. Não obstante, a conscientização é um processo que não para na reflexão sobre si e sobre mundo ao seu redor, estende-se ao plano prático de superação da opressão. Ou seja, o plano ideacional e o plano prático se co-constituem no processo de libertação dos indivíduos.

Ao partir do pensamento estético como caminho para promover o processo de conscientização e, conseqüentemente, de libertação dos indivíduos, faz-se mister compreender a relação entre a virada estética nas Relações Internacionais, a emancipação nos Estudos Críticos de Segurança e a virada local nos Estudos para a Paz.

### 3 ESTUDOS CRÍTICOS DE SEGURANÇA E EMANCIPAÇÃO

O conceito de conscientização do ser humano desenvolvido por Freire nos anos anteriores a década de 1990 está atrelado a concepção de empoderamento que, nos dias de hoje, está fortemente vinculada às noções de “construção de capacidades” e aos processos participativos, logo, esse resgate da concepção freiriana de empoderamento permite abordar as relações de poder e estruturas locais de opressão, direcionando o debate para a lógica de emancipação (BORGES; MASCHIETTO, 2014). Essa concepção de empoderamento através da conscientização também pode ser vista em Boon & Plastow (2004), referindo-se ao empoderamento como liberação da mente humana, cujo processo passa pelo reconhecimento e transformação da imagem de subhumanidade.

O termo “subhumanidade”, assim como “desumanidade”, parte de uma interpretação linguístico-epistemológica racional que utiliza da metáfora para legitimar a violência, nessa perspectiva é retirada do indivíduo sua dignidade enquanto humano, isto é, é retirado seu valor enquanto humano (ALVES, 2005). Sua dignidade substancial de pessoa humana é justamente um fundamento que lhe garante direitos básicos. O discurso de desumanização busca construir a imagem do outro como inferior ao ser humano, atribuir ao outro a condição de incivilizado, ou de bárbaro, ou de animal, ou de mal, ou de selvagem, enfim, objetifica o outro em favor da retirada de seus direitos (COMPARATO, 1998).

Para Rosoux (2007), a desumanização passa a ser transformada no questionamento das representações (suas e de outrem) e as artes apresentam canais sensíveis e criativos para isso. A arte serve como canal de expressão que possibilita a (re)conexão e (re)conciliação entre partes conflitantes, não só através da transformação da imagem de si e do outro, mas especialmente através da (re)construção da relação em bases sólidas de confiança. A transformação da relação de ódio entre os indivíduos em direção a um relacionamento baseado na confiança é uma característica da Construção de Paz (WEBEL; GALTUNG, 2007: 174).

A partir disso, percebe-se a liberdade como condição basilar para o processo de emancipação dos indivíduos que, nesse caso, é fundamental para promover a segurança humana. Essa abordagem crítica de segurança foca nas interações humanas, ao contrário das abordagens tradicionais que focam no Estado como objeto de referência para a segurança, embora o Estado ainda possa ser um meio para garantir a segurança dos indivíduos (BOOTH, 1991).

As abordagens de segurança que dão ênfase nos indivíduos e no local corroboram com a perspectiva de segurança positiva desenvolvida por Gjørsv (2012), que legitima a busca pela segurança através da capacitação, não só pela mera identificação de ameaças. Primeiramente,

vale ressaltar que essa perspectiva apresenta uma revisão das fundações ontológicas, metodológicas e epistemológicas na lógica de produção de conhecimento sobre segurança. Ademais, a autora infere que a segurança positiva tem como base a segurança humana, compartilhando a preocupação com os indivíduos e com as comunidades. Destaca-se aqui que o contexto, os valores e as práticas (não violentas) desempenham um papel importante na promoção da segurança positiva.

A perspectiva de segurança positiva fortalece a abordagem “multi-ator” de segurança, onde se reconhece a legitimidade de múltiplos atores, tanto de caráter formal quanto informal, e “tenta refletir as influências a nível local, nacional e internacional, em que as categorias incluem representantes locais ou internacionais” (GJØRV, 2012, p. 850).

Ao desenvolver um quadro analítico mais amplo para a segurança internacional, a definição de níveis de análise permite observar a localização e a relação causal entre os variados objetos de referência, setores e agendas de segurança, portanto, abordagens críticas de segurança que priorizam os níveis mais baixos da política internacional, como o nível individual e/ou local, não excluem as relações causais com os níveis mais altos, como o nível unitário (estatal/nacional), sistêmico e/ou global. Mesmo assim as abordagens críticas identificam que os tradicionalistas tendem a excluir de suas análises os níveis mais baixos da política internacional e, diante disso, afirmam que a investigação sobre o papel do local e do individual são relevantes para a compreensão da realidade internacional (BUZAN; WAEVER; WILDE, 1998).

Nesse momento, faz-se necessário apresentar o conceito de segurança mundial que corrobora com a construção de um panorama teórico de teor crítico sobre segurança. De acordo com Ken Booth (2007, p. 04):

[...] segurança mundial se refere às estruturas e processos dentro da sociedade humana, local e globalmente, que trabalham na redução das ameaças e riscos que determinam vidas individuais e coletivas. Quanto maior o nível de segurança desfrutado, mais indivíduos e grupos (incluindo a sociedade humana como um todo) podem ter uma existência além da luta animal instintiva pela mera sobrevivência.

Logo, a perspectiva de segurança mundial mantém a reivindicação das abordagens críticas para ampliação dos objetos de referência, dos níveis de análise, das ameaças, etc., considerando que essas reivindicações podem reverberar de forma positiva nas práticas de segurança ao providenciar estruturas sociais que promovem a emancipação dos indivíduos.

Ken Booth (2007) traz uma definição de segurança que vai além da sobrevivência, pois a mera sobrevivência não garante a segurança. A sobrevivência está atrelada à lógica da

insegurança gerada pelo medo de perigos e ameaças iminentes. Por sua vez, as ameaças podem ser vistas como subjetivas e não-subjetivas, a primeira diz respeito ao sentimento ou percepção de segurança ou insegurança de um determinado ator no contexto em que está inserido no seu atual recorte do espaço-tempo, enquanto a segunda se refere a ameaças apresentadas ao longo da história.

Portanto, a concepção de segurança é relacional, depende da percepção de segurança ou insegurança dos indivíduos. Quando inseguros, os indivíduos têm suas ações e escolhas limitadas, isto é, eles têm suas liberdades limitadas; quando seguros, manifestam-se como seres livres, possibilitando a emancipação – compreendida como o coração da teoria de segurança mundial (BOOTH, 2007).

Por emancipação se compreende a “busca pela segurança das pessoas em relação às ameaças que as impedem de fazer aquilo que elas escolheriam livremente para fazer, compatível com a liberdade de outros” e ainda pode ser considerada a “filosofia, a teoria e a política de inventar a humanidade”. Filosófico em relação às reivindicações da verdade e do conhecimento; teórico em relação ao progresso (dinâmico e reversível) que prevê a transformação da realidade mundial; e político em relação às práticas de resistência às opressões, quer seja no curto ou no longo-prazo (BOOTH, 2007, p. 112).

Percebe-se que nas abordagens críticas de segurança, diferentemente das abordagens tradicionais, a preocupação com os indivíduos e com o local estão no centro da discussão. Por isso, discussões sobre conscientização, empoderamento e emancipação que apresentam um teor crítico são essenciais para pensar e promover a construção de uma cultura de paz.

#### **4 A VIRADA LOCAL NOS ESTUDOS PARA A PAZ**

A partir da expansão na lógica de compreensão, de interpretação e de representação na política internacional, proporcionada pela virada estética, expande-se também a gama de espaços, localizações e direções onde a estética e a política se encontram (STEELE, 2016). Dessa forma, assim como nas abordagens críticas de segurança, as abordagens estéticas legitimam a investigação sobre o local, não exclusivamente como um nível de análise da política internacional, mas também como uma forma de preencher as lacunas de representação deixadas pelas abordagens tradicionais.

Surgem, portanto, três conceitos principais para tratar da definição de “local”, compreendendo o “local” como instituições, como agência ou como processo (SCHIERENBECK, 2015).

Primeiramente, a perspectiva de “local” como instituições prevê sua descentralização, repartindo-se em governos locais e funcionários de governos locais, levando em consideração suas experiências e conhecimentos para a compreensão das configurações específicas do contexto em que estão inseridos. Em seguida, o conceito abordado diz respeito ao “local” como agência, mas agência no sentido do papel que os atores (locais ou não) têm de agir, logo, definindo o “local” como empreendimento de ações em determinada localidade, dessa forma, o “local” pode ser entendido como um movimento capaz de superar fragmentações sociopolíticas através da tentativa de união de partes contrastantes. Por último, traz-se um conceito de “local” como processo, sendo geralmente entendido a partir do binário local/internacional; a partir dessa lógica a virada local necessitaria de ser situada e contextualizada no espaço-tempo, mesmo estando em constante transformação pelas agências (SCHIERENBECK, 2015).

Não obstante, Mac Ginty (2015) apresenta duas tendências na análise da relação entre os níveis local e internacional. Na primeira o local é percebido como não estático e em constante mudança, enquanto na segunda é percebida a inadequação do sistema de governança global. A partir daqui entende-se que o foco no local é uma tentativa de lidar de forma mais eficiente com crises multifacetadas da política internacional.

Schierenbeck (2015) aponta também que o processo de construção de paz local requer o empoderamento dos marginalizados (no sentido de estarem à margem da sociedade) para que suas demandas sejam ouvidas, além de reconhecer a importância da agência das instituições locais, prestando atenção ao contexto específico. Além disso, vê-se que é necessário promover o engajamento conjunto entre atores locais e externos, tendo o objetivo de dar voz aos primeiros, ou seja, ampliar a percepção do local a nível nacional e internacional, e de melhor integrar os segundos ao contexto local através, por exemplo, de abordagens interdisciplinares. Não obstante, a autora infere que quando se trata de construção de paz local requer-se tempo e bastante dedicação dos atores envolvidos.

A virada local nos estudos para a paz é resultado “de uma crítica ao projeto liberal de reconstrução pós-conflito e atenta-se para a dinâmica local como uma tentativa de se construir uma paz duradoura” (GOMES, 2013, p. 63). A concepção de paz liberal remete, basicamente, a um conjunto de instituições (democracia, direitos humanos, Estado de Direito, etc.) impostas ao local por atores externos, típicos da visão ocidental hegemônica.

Portanto, o panorama conceitual que reúne as concepções de empoderamento e emancipação através de iniciativas locais, pode ser considerado uma perspectiva *bottom-up* de construção da paz, isto é, uma abordagem de construção da paz local que, assim sendo,

corroborar com a geração de segurança humana. Nessa perspectiva, pressupõe-se que os indivíduos têm o poder de negociar e desenvolver sua segurança com base em suas próprias necessidades (RICHMOND, 2007, p. 461).

A participação dos indivíduos no processo de construção de paz local é coerente com o modelo “elicitivo” de mediação de conflitos; nesse modelo, leva-se em consideração o conhecimento local na busca por estratégias para a transformação da realidade com base nas próprias necessidades locais, apontado por Lederach (1995), com base em Paulo Freire. Não obstante, essa abordagem não exclui o modelo prescritivo, baseado no conhecimento especializado (transferível e universal). Ambos os modelos podem vir a ser complementares, preenchendo as lacunas deixadas pela aplicação de uma delas em sua forma pura (MAIESE, 2004). Para John Paul Lederach (2003), quando se trata de conflitos, o termo “transformação” é bem mais preciso do que “resolução”, pois sugere uma perspectiva de mudanças construtivas ao invés da mera solução do problema.

Na tentativa de melhor compreender o contexto específico local, para que se possam ser empreendidas iniciativas de Construção de Paz, ressalta-se a importância de ferramentas antropológicas, como a etnografia, para a efetividade da transformação de conflitos (SCHIERENBECK, 2015). As perspectivas de emancipação remetem a um compromisso de desvendar dinâmicas de opressão e de questionar discursos predominantes, para tanto, o método de pesquisa qualitativa, especialmente quando se utiliza a etnografia crítica, permite a aproximação e melhor compreensão dos grupos marginalizados. Além disso, faz-se necessário que esses grupos não sejam tratados como objeto ou dado de pesquisa, pois eles são sujeitos que também produzem conhecimento (MASCHIETTO, 2015).

A etnografia consiste num recurso metodológico da antropologia que, quando aplicada nos estudos voltados à construção da paz, permite a convergência de sua abordagem indutiva (particularização) com a abordagem dedutiva (generalização) da teoria de conflitos, teoricamente contrastantes, mas quando harmonizadas (re)descobrem o local como parte fundamental no processo de formulação das estratégias de construção da paz a partir da perspectiva *bottom-up*, emancipatória e de empoderamento (MILNE, 2010).

Percebe-se aqui que conflito é um fenômeno intrínseco às relações humanas, não é necessariamente algo negativo, mas para ser transformado depende do reconhecimento das diferenças e da busca por identificar aquilo que é comum entre as partes (VASCONCELOS, 2008). Nesse sentido, Pelizzoli (2010) ao resgatar a concepção de conflito desenvolvida por Marshall Rosenberg – que trata da comunicação não violenta (CNV) – aponta duas dimensões do conflito: a dimensão positiva e a dimensão negativa. A dimensão positiva se refere a

possibilidade de transformar o conflito e aprender com ele; enquanto a dimensão negativa é uma reverberação dolorosa que gera violências.

Logo, por violência se compreende o conflito não transformado. A violência direta se manifesta de forma explícita através das dimensões físicas, psicológicas e/ou verbal, enquanto a violência estrutural diz respeito as estruturas político-sociais que legitimam a violência direta. Já a violência cultural está relacionada aos aspectos culturais que são utilizados para tornar legítima as outras duas formas de violência (CONCHA, 2009, p. 75).

O processo de transformação de conflitos, de acordo com Charles Webel e Johan Galtung (2007), está relacionado a cinco aspectos: (i) Foco na paz, não na segurança; (ii) depende da transformação do relacionamento entre as partes conflitantes; (iii) deve transcender os objetivos das partes e criar uma nova realidade, favorável às duas partes; (iv) ter como base a abordagem TRANSCEND de tratamento de conflitos, com diálogo profundo com cada parte, para então engajá-los no processo de negociação; (v) considerar que a abordagem TRANSCEND vai para além da mediação, caracterizando-se como uma abordagem holística.

Embora o foco seja na paz, a segurança não é marginalizada, porque ao fugir dos parâmetros do *mainstream*, compreende-se que a segurança está inserida nos Estudos para a Paz. Portanto, destacam-se sete passos para a transformação de conflitos através da abordagem TRANSCEND, isto é, sete passos para promover a paz por meios pacíficos (GALTUNG, 2007, p. 27-31):

- (i) *Paz cultural*, que identifica, rejeita e busca superar elementos culturais que legitimam as violências direta e estrutural;
- (ii) *Paz estrutural*, que promove o conflito não violento na busca por subverter as estruturas sociais que impedem a igualdade e equidade entre os indivíduos;
- (iii) *Mediação*, baseada no diálogo para transcender as contradições dos diferentes objetivos das partes conflitantes;
- (iv) *Construção da paz*, relacionada ao processo de despolarização e humanização;
- (v) *Não-violência*, que parte da lógica que “violência gera violência”, logo, para quebrar este ciclo, deve-se promover práticas não violentas;
- (vi) *Conciliação*, que fornece cura e superação de traumas, possibilitando uma (re)aproximação entre as partes;
- (vii) *Círculos virtuosos*, cuja a ausência das violências (cultural, estrutural e direta) gera paz negativa, logo, paz negativa significa ausência de violência, contudo, essa ausência deve ser preenchida pela presença das pazes (cultural, estrutural e

direta) gerando paz positiva, definida como um conjunto de aspectos que integram a sociedade e contribuem com a manutenção da paz de forma mais duradoura.

As estratégias de transformação de conflitos fortalecem o propósito dos Estudos para a Paz, apontado por Lawer (2008) como a tentativa de reduzir e erradicar a guerra/violência, além de tratar os conflitos de forma não violenta. Tem inicialmente a mesma preocupação com a qual surgiu a disciplina das Relações Internacionais no pós-Primeira Guerra Mundial, embora o idealismo dos liberais da época tenha sido ingênuo e, por isso, foram suplantados pelos realistas após a Segunda Guerra Mundial; entretanto, foca muito mais na construção da paz do que na erradicação da violência, sendo uma visão ao mesmo tempo realista e utópica (constrói algo visando o futuro, cria algo que não existe), diferente da atopia (não lugar) anterior. Além disso, uma característica relevante dos Estudos para a Paz diz respeito a dialética investigação-ação que remete a relação entre produção teórica e engajamento prático em movimentos pacíficos que corroboram com o compromisso normativo de promoção da paz e transformação da realidade social (PUREZA; CRAVO, 2005).

## **5 ESTRATÉGIAS ARTÍSTICAS PARA A CONSTRUÇÃO DA PAZ**

As artes, portanto, podem ser consideradas ferramentas estratégicas para a transformação de conflitos nos mais diversos níveis – (inter)pessoal, (inter)comunal, nacional, global –, pois leva-se em consideração sua função social de expressão e de comunicação, possibilitando a transformação nas formas de pensar, de agir e de interagir dos indivíduos e entre os indivíduos (SHANK; SCHIRCH, 2008).

O processo de construção da paz através das artes ultrapassa a mera comunicação “racional” e se constitui como um método criativo de compreensão e interação social, mostrando-se útil nas comunidades em conflitos, principalmente conflitos violentos. Esse método permite o engajamento corporal, emocional e intelectual; experiência esta que possibilita o reconhecimento da própria humanidade e daqueles que estão envolvidos no processo. As artes possibilitam que os indivíduos experienciem outras maneiras de conhecer, compreender e comunicar (GROHS, 2009).

Verifica-se assim que a experiência estética está relacionada a sensibilidade humana em apreender o mundo e a arte enquanto arte proporciona essa experiência na construção da paz, pois a experiência estética que realça as faculdades sensoriais, cognitivas, emocionais e espirituais é resultado da relação entre a qualidade formal do trabalho artístico (ritmo, textura,

forma, etc.) e a percepção da audiência. No campo da construção da paz, as artes se apresentam como uma abordagem criativa para a transformação de conflitos, independentemente de seus estágios (COHEN, 2015).

O ato criativo no processo estético de transformação social se caracteriza como uma abordagem adaptável e responsiva em relação ao contexto específico. Nesse caso, a experiência estética viabiliza a quebra do ciclo da violência e gera novas dinâmicas de relacionamento através da imersão dos indivíduos no processo de autoconhecimento (LEDERACH, 2005). A intuição nesse processo é fundamental para os agentes construtores da paz, assim, a intuição constitui uma forma de compreensão do conflito que supera a mera análise cognitiva, por ser metafórica, corporal e imagética, apesar de muitas vezes ser ignorada para favorecer abordagens mais técnicas.

Portanto, ao pensar em estratégias artísticas para a construção da paz, Shank e Schirch (2008, p. 218-219) ressaltam a importância de trabalhar os conceitos de estratégia, arte e construção da paz. A concepção de estratégia, para essas autoras, compreende a ação coordenada de diferentes abordagens para a construção da paz, partindo da perspectiva de mudança social a longo prazo. O conceito de artes – em suas mais variadas formas (literatura, dança, teatro, etc.) – consiste em um importante canal de comunicação que desafia categorizações, classificações, rótulos, isto é, processos que restrinjam percepções e representações. Enquanto a construção de paz é entendida como um conjunto de recursos direcionados para o tratamento das violências em qualquer nível societal e qualquer estágio do conflito, visando transformar a realidade dos indivíduos.

Logo, mencionando John Paul Lederach, esses mesmos autores inferem:

Se as artes serão úteis para o campo da construção da paz, é necessário conhecer com o *que* as artes contribuem para a construção da paz, *quando* diferentes formas de arte são apropriadas no ciclo de conflito e *como* as artes são tão eficazes em seu contributo para a construção da paz. John Paul Lederach chama este processo analítico o "estratégico que", o "estratégico quando" e o "estratégico como" da construção da paz (SHANK; SCHIRCH, 2008, p. 219).

Ou seja, o “estratégico que” (*strategic what*) remete a *que* abordagem melhor se adequa ao uso da arte na construção da paz e, embora a arte desafie categorizações, os autores apresentam quatro categorias nas quais as abordagens podem se encaixar, destacando a natureza cíclica das abordagens para a construção da paz: (i) Empreendimento de conflitos não violentos; (ii) redução da violência direta; (iii) construção de capacidades; (iv) transformação de relacionamentos (SHANK; SCHIRCH, 2008).

O “estratégico quando” (*strategic when*) parte das quatro abordagens para a construção da paz supracitadas e as direciona para estágios específicos dos conflitos, isto é, contextualiza-se *quando* cada abordagem será eficiente de acordo com a intensidade do conflito. Conforme Shank e Schirch (2008), os estágios do conflito são escalada, gestão, transformação e prevenção e esses estágios estão interligados à intensidade do conflito e à abordagem artística mais adequada ao contexto. Por exemplo, as técnicas de teatro-invisível desenvolvidas por Boal podem vir a ser mais adequadas no estágio de escalada do conflito, cuja intensidade é crescente; enquanto as técnicas de teatro fórum vêm a ser mais eficazes no estágio de prevenção, cuja intensidade é menor.

Enquanto o “estratégico como” (*strategic how*) busca *como* maximizar a eficiência das artes como ferramentas de construção da paz, por exemplo, através do modelo “elicitivo”, ou seja, uma visão mais voltada à troca de conhecimentos e construção conjunta (SHANK; SCHIRCH, 2008).

Há uma série de iniciativas locais ao redor do mundo que podem ilustrar como se dá a implementação estratégica das artes para a transformação de conflitos. Toma-se como exemplo a *Artist Proof Studio* (APS), organização sem fins lucrativos que fica localizada em Joanesburgo, na África do Sul. A APS surge em 1992 durante o processo de transição democrática no país, cujo contexto de pós-conflito está marcado, principalmente, pelos problemas financeiros e sociais, caracterizados como resquícios do regime de *Apartheid* (BERMAN, 2005; ARTIST PROOF STUDIO, 2013).

O “estratégico que” e o “estratégico quando” da organização pode ser verificado na escolha das abordagens artísticas melhor adequadas ao contexto de pós-*Apartheid* – a APS dá ênfase nas artes visuais, como desenho e gravura – e no desenvolvimento de quatro projetos em seu âmbito: (i) *APS Gallery*, reconhecida local e internacionalmente, esse projeto é responsável pela exposição e negociação das produções artísticas dos artistas-membros, gerando renda tanto para os artistas quanto para a manutenção da organização; (ii) *Education Unit*, projeto que busca promover capacitações artísticas, mas também em comunicação e negociação, visando a autonomia dos indivíduos; (iii) *Professional Print Studio (Pro-shop)*, projeto que está ligado diretamente a geração de renda e sobrevivência da instituição, ao gerenciar a impressão e negociação das produções de artistas locais, nacionais e internacionais; (iv) *Special Projects Unit*, que através de parcerias com instituições públicas e privadas tenta inserir os artísticas em serviços de ilustração, curadoria, restauração, dentre outros (ARTIST PROOF STUDIO, 2015).

Ressalta-se que esses projetos estão voltados para construção de capacidades dos indivíduos e, ao considerar que essa organização promove o engajamento conjunto de negros e

brancos, percebe-se que a APS demonstra uma preocupação em transformar a relação entre esses grupos (outrora conflitantes), substituindo o ódio pela confiança. Esse tipo de iniciativa empreende ainda conflitos não violentos por contestar as estruturas sociais que perpetuam a desigualdade entre esses grupos e impacta diretamente na redução da violência direta. A APS, portanto, transita entre as quatro categorias supracitadas do ciclo de construção da paz.

Nesse sentido, ao promover a capacitação e conscientização desses grupos, as estratégias adotadas por essa instituição se aproximam da concepção freiriana de empoderamento e, conseqüentemente, a autonomia gerada nesse processo se relaciona com emancipação desses indivíduos.

Para além disso, o “estratégico como” da APS pode ser evidenciado pela estrutura horizontal no processo de tomada de decisão, cujo seu principal conselho tem forma circular e é composto por representantes dos coordenadores, estudantes e demais setores da organização (BERMAN, 2005). Isto é, de alguma forma, as estratégias da organização se relacionam com o método “elicitivo” e não hierárquico, por incentivar e criar canais para que todos os membros e artistas participem e contribuam com a organização de acordo suas próprias necessidades.

A arte e a cultura, através do engajamento estético, são ferramentas que facilitam a reconciliação e transformação de conflitos, proporcionando a (re)descoberta da humanidade nos outros (e em nós mesmos) por meio de laços empáticos e criativos. Por isso, Cohen (2005) fala sobre a necessidade de ações coordenadas entre sociedade civil e organismos governamentais para multiplicar tais iniciativas.

A ação coordenada entre diferentes atores (de diferentes naturezas) com o objetivo de promover processos de construção da paz corrobora com a abordagem “multi-ator” de segurança positiva. No caso da APS, além da parceria com instituições locais, tem-se que mencionar a a *Brandeis University* (Massachusetts, EUA) que através do programa *Recasting Reconciliation through Culture and the Arts* contribuiu com os fundos dessa e outras iniciativas locais de construção da paz no continente africano (BERMAN, 2005, p. 04). Essa contribuição foi essencial para a recuperação e reestruturação da APS após a destruição de sua sede em um incêndio no ano de 2002.

Nilanjana Premaratna e Roland Bleiker (2010), ao abordarem as artes como ferramentas eficientes para o processo de construção da paz, enfatizam o papel das emoções para a transformação de conflitos, dado que sentimentos negativos como o medo e a raiva agravam os conflitos, enquanto sentimentos positivos como empatia e compaixão fortalecem a comunidade a longo prazo. Para Comparato (1998), o que mais diferencia os seres humanos dos outros animais são os sentimentos e emoções, mais do que a própria racionalidade lógica.

A inserção da emoção na agenda de pesquisa de analistas internacionais pode vir a ser considerada uma “virada emocional” na disciplina de Relações Internacionais, por isso, ao discutir sobre a teorização das emoções na política internacional, deve-se abordar quatro questões: (i) *Definições*, cuja a capacidade de teorização sobre emoções é superada pelo debate; (ii) *corpo*, que gera emoções e, apesar de serem intrínsecas ao pessoal, não as limitam a esse espaço, transbordam para o social; (iii) *representações*, sendo essa a forma com que externalizamos as emoções e com que buscamos compreender os outros; (iv) *poder*, infere-se aqui que as emoções impactam a política mundial, moldando relacionamentos dentro da sociedade internacional e as Teorias de Relações Internacionais refletem essa tendência (HUTCHISON; BLEIKER, 2014).

Essa tendência, entretanto, não é recente. Na verdade, as emoções estão presentes desde as literaturas clássicas sobre pensamento político internacional, como Tucídides, Maquiavel e Morgenthau, fazendo-se essenciais nas perspectivas teóricas das Relações Internacionais. Por exemplo, o medo é essencial para o realismo, enquanto a confiança é essencial para o liberalismo, e a ganância para o marxismo (SASLEY, 2013), bem como o altruísmo e a empatia são fundamentais para os estudos para a paz.

Um exemplo prático para ilustrar o papel da emoção na transformação de conflitos pode se citar a atuação da organização não-governamental belga *RCN Justice et Démocratie* (anteriormente nomeada de *Réseau Citoyens-Citizens Network*), que utiliza da arte para promover a paz em localidades da Europa e da África. A RCN surge em Ruanda após o genocídio de 1994, quando o governo deste país admitiu a impossibilidade de administrar a situação, convocando a comunidade internacional a intervir e contribuir para a recuperação nacional (RCN JUSTICE ET DÉMOCRATIE, 2017). Numa abordagem “multi-ator”, destaca-se que não só a RCN, mas também outras organizações se juntaram à causa em solidariedade aos ruandeses, como Anistia Internacional e Médicos sem Fronteiras.

No caso do Burundi, a RCN está em ação desde 2000, trabalhando diretamente com o processo de transformação do conflito histórico entre as etnias Hutu, Tutsi e Twa. Em sua primeira etapa de atuação foram coletadas histórias da guerra civil no país, dando ênfase nas representações locais de justiça e solidariedade, embora as representações locais de violência também sejam importantes para a transformação social. Além disso, não foram reveladas as identidades étnicas dos sujeitos de origem das histórias, possibilitando que as pessoas não as rejeitassem e que pudessem associá-las às suas próprias histórias de sofrimento e superação (ROSOUX, 2007). Essas histórias foram utilizadas de duas formas; primeiramente, foram publicadas em livros para o ensino primário e secundário do país; e serviram para a formação

de grupos que desenvolveram performances teatrais baseadas nessas histórias. Esses grupos eram compostos por indivíduos das três etnias e suas performances buscavam transformar as percepções dos indivíduos sobre o conflito, sobre o outro e sobre si, ressignificando sentimentos.

Nessa experiência estética promove-se uma relação empática, onde os indivíduos passam a reconhecer a humanidade nos outros e em si mesmos. Essa abordagem permite a superação de dicotomias desumanizadoras – bom e mau, humano e animal/besta/fera, sagrado e profano, civilizado e bárbaro, etc. – e possibilita o engajamento conjunto entre os grupos conflitantes (ROSOUX, 2007). Reitera-se aqui a capacidade das artes de gerar a conscientização do indivíduo, proporcionando uma reflexão sobre o outro, sobre si e sobre a realidade à sua volta. Mas para além disso, as artes permitem a catarse, isto é, permitem a cura ou superação de traumas através da experiência estética das representações artísticas das emoções, seja ator ou espectador.

Essa perspectiva fortalece a teoria de transformação pacífica de conflitos desenvolvida por Galtung, referindo-se a alternativas para a construção de paz baseadas na não-violência, empatia e criatividade. Esses três aspectos promovem a subversão do *status quo* das estruturas sociais opressoras e a viabilizam a rearticulação da realidade de acordo com as necessidades específicas do local (CONCHA, 2009). É nesse sentido que a arte e a estética desempenham um papel fundamental na construção da paz, transformando relacionamentos e subvertendo a cultura de violência em favor de uma cultura de paz a longo prazo.

## 6 CONCLUSÃO

A implementação estratégica das artes em contextos de conflito e, especialmente, de pós-conflito pode ser considerada uma iniciativa eficiente para transformação dessas realidades sociais e para a geração da segurança e da paz positiva. Por isso, apesar de ser uma abordagem constantemente marginalizada pelo *mainstream* das disciplinas de Relações Internacionais e de Estudos de Segurança Internacional, o uso criativo e estratégico das artes para a construção da paz corrobora com a necessidade de revisão da crítica e da radicalidade dentro das produções teóricas e engajamentos práticos dos Estudos para a Paz.

Sendo assim, as artes constituem-se como uma abordagem heterodoxa e eficiente para a construção da paz, ou seja, as artes possibilitam a subversão das perspectivas racionalistas e tradicionais de compreensão da realidade social e, através da experiência estética, amplia a concepção de razão ao incluir a dimensão sensorial, logo, não sendo a razão um processo

cognitivo meramente lógico. Nesse sentido, resgata-se a ligação entre o corpo e a mente para produção de conhecimento, adicionando a dimensão emocional.

Além disso, a experiência estética proporcionada pelas artes é fundamental para a conscientização e empoderamento dos indivíduos inseridos nesses contextos, porque é por meio dessa experiência que são incluídas outras lógicas de compreensão, interpretação e representação da política, com ênfase na (re)descoberta do local como um importante espaço para evidenciar o caráter multifacetado da realidade internacional. A (re)descoberta do local pelos Estudos para a Paz evidencia a importância de suas contribuições para desenvolver abordagens de paz e segurança adequadas a suas necessidades, distanciando-se dos métodos tradicionais e impositivos (*top-down*) das operações de paz.

É percebido também a importância de uma abordagem multi-ator, cuja perspectiva leva em consideração a integração entre múltiplos atores de naturezas variadas e de níveis de atuação diferentes (local, nacional, regional, internacional, transnacional), realça-se que essa abordagem possibilita a integração de temas, questões e políticas de segurança a temas, questões e políticas econômicas, sociais, ambientais, dentre outras. Portanto, esse olhar revela uma perspectiva ampla, mas com aplicabilidade local e estratégica relevantes para a transformação de conflitos.

A virada estética nas Relações Internacionais e a virada local nos Estudos para a Paz estão relacionadas a mudanças substantivas dessas disciplinas, convergindo quanto ao teor crítico e a subversão de lógicas tradicionais de representação na política internacional, e de produção de conhecimento. Entretanto, no desenvolvimento dessa pesquisa foi percebido que há outra virada em curso na política internacional, denominada de “virada emocional”. Seria essa uma nova tendência nas perspectivas críticas da política internacional?

ART AND AESTHETICS IN INTERNATIONAL RELATIONS:  
A HETERODOX APPROACH TO PEACEBUILDING

**ABSTRACT**

Art is a form of human communication and expression and can be instrumentalized in conflicts transformation; while aesthetics refers to a post-positivist approach that recovers the sensory aspect in the logic of knowledge production. These critical, radical, or even heterodox perspectives are constantly marginalized by the mainstream of International Relations, although in recent decades they have been highlighted in research agendas of the Critical Security Studies and Peace Studies field, in particular, for the rescue of the local as a space for representing one of the many faces of international politics. Therefore, in order to understand the role of art and aesthetics in the process of peacebuilding, an explanatory debate was built, and it made possible the link between theoretical approaches and practical application of art strategies. Finally, the effectiveness of these approaches in the peacebuilding field is verified, highlighting the role of the local and the emotions for social transformation.

**Keywords:** Art strategies. Aesthetic Turn. Peacebuilding.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, J. A. Lindgren. A Desumanização do Humano. **In: Os Direitos Humanos na Pós-Modernidade**. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 01-20.

ARTIST PROOF STUDIO – APS. **Annual Report 2013**, Johannesburg, 2013. Disponível em: <<http://artistproofstudio.co.za/wp-content/uploads/2015/05/APS-Annual-Report-2012-13.pdf>>. Acesso em: 22 de Março de 2017.

\_\_\_\_\_. **Annual Report 2014-2015**, Johannesburg, 2015. Disponível em: <<http://artistproofstudio.co.za/wp-content/uploads/2015/05/APS-Annual-Report-2014-15.pdf>>. Acesso em: 22 de Março de 2017.

BERMAN, Kim. **In: Recasting Reconciliation through Culture and the Arts: A Virtual Collection**. Waltham/MA: Brandeis University, 2005. Disponível em: <[http://www.brandeis.edu/ethics/peacebuildingarts/pdfs/peacebuildingarts/kim%20artist\\_proof\\_studio-1.pdf](http://www.brandeis.edu/ethics/peacebuildingarts/pdfs/peacebuildingarts/kim%20artist_proof_studio-1.pdf)>. Acesso em: 22 de Março de 2017.

BLEIKER, Roland. The Aesthetic Turn in International Political Theory. **Millennium: Journal of International Studies**, Vol. 30, No. 3, 2001, p. 509-533.

\_\_\_\_\_. **Aesthetic and World Politics**. Houndmills, Basingstoke, Hampshire: Palgrave Macmillan, 2009.

BOAL, Augusto. **Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOOTH, Ken. Security and emancipation. **Review of International Studies** Vol. 17, N° 04, 1991, p. 313-326.

\_\_\_\_\_. **Theory of World Security**. New York: Cambridge University Press, 2007.

BORGES, Marisa; MASCHIETTO, Roberta. Cidadania e empoderamento local em contextos de construção de paz. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, N° 105, 2014, p. 65-84.

BUZAN, Barry; WAEVER, Ole; WILDE, Jaap de. **Security: A New Framework for Analysis**. Boulder: Lynne Rienner Publishers, 1998.

CAMPBELL, David. Poststructuralism. **In: DUNNE, Tim; KURKI, Milja; SMITH, Steve (Ed.). International Relations Theories: discipline and diversity.** 2ª Edição. Oxford University Press, 2010.

COHEN, Cynthia. Arts and Building Peace: Affirming the Basics and Envisioning the Future. **Insight**, United States Institute of Peace, Summer/2015.

\_\_\_\_\_. Creative Approaches to Reconciliation. **In: FITZDUFF, Mari; STOUT, Christopher E. (Ed.). The Psychology of Resolving Global Conflicts: From War to Peace; Volume 3 - Interventions.** Westport/CT: Greenwood Publishing Group, 2005.

COMPARATO, Fábio Konder. Fundamento dos Direitos Humanos. **In: Efetivação dos Direitos Humanos no Brasil.** Apostila do Centro de Estudos e Pesquisa dos Direitos Humanos, mimeo, São Paulo, Centro Acadêmico XI de Agosto, 1998.

CONCHA, Percy Calderón. Teoría de Conflictos de Johan Galtung. **Revista Paz e Conflictos**, nº 2, 2009, p. 60-81.

CRUZ, Angélica Lima. O olhar predador: a arte e a violência do olhar. **Revista Crítica de Ciências Sociais [online]**, Vol. 86, 2010, p. 71-87.

DEVETAK, Richard. Postmodernism. **In: BURCHILL, Scott; LINKLATER, Andrew (et al). Theories of International Relations.** 3ª Edição. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia do oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GJØRV, Gunhild Hoogensen. Security by any other name: negative security, positive security, and a multi-actor security approach. **Review of International Studies**, vol. 38, Nº 04, 2012, p 835-859.

GOMES, Aureo de Toledo. Da paz liberal à virada local: Avaliando a literatura crítica sobre peacebuilding. **Monções**, Vol. 02, Nº 03, jul./dez. 2013, p. 46-76.

GROHS, Courtney Simon. **From Destruction to Creation: A Normatively Framed Inquiry into How the Arts Can Inform Peacebuilding**, 2009.

HUTCHISON, Emma; BLEIKER, Roland. Theorizing Emotions in World Politics. **International Theory**, Vol. 06, 2014, p. 491-514.

LAWER, Peter. Peace Studies. **In: WILLIAMS, Paul D. (Ed.). Security Studies: An Introduction.** Londres/Nova Iorque: Routledge, 2008, p. 73-88.

JESUS, Diego S. V.; TELLEZ-ZEPEDA, Claudio A. Concerto para nenhuma voz? Arte e Estética no estudo das Relações Internacionais. **Examãpaku** (Boa Vista), Vol. 7, Nº 03, 2014, p. 157-185.

LEDERACH, John Paul. **Preparing For Peace: Conflict Transformation Across Cultures.** Syracuse/New York: Syracuse University Press, 1995.

\_\_\_\_\_. On Aesthetics: The Art of Social Change. **In: The Moral Imagination: The Art and Soul of Building Peace.** New York: Oxford University Press, 2005, p. 65-74.

\_\_\_\_\_. Conflict Transformation. **In: BURGESS, Guy; BURGESS, Heidi. (Eds.). Beyond Intractability.** Boulder: Conflict Information Consortium/University of Colorado, Out./2003. Disponível em: <<http://www.beyondintractability.org/essay/transformation>>. Acesso em: 12 de Outubro de 2017.

MAC GINTY, Roger. When the local meets the international: from resilience to global governance. **Global Trends**, 2015. Disponível em: <[http://www.global-trends.info/fileadmin/Globale-Trends/beitraege\\_kapitel/ginty\\_polanska.pdf](http://www.global-trends.info/fileadmin/Globale-Trends/beitraege_kapitel/ginty_polanska.pdf)>. Acesso em: 25 de Outubro de 2017.

MAIESE, Michelle. Elicitive Training. **In: BURGESS, Guy; BURGESS, Heidi. (Eds.). Beyond Intractability.** Boulder: Conflict Information Consortium/University of Colorado, Set./2004. Disponível em: <<http://www.beyondintractability.org/essay/prescriptive-elicitive-training>>. Acesso em: 12 de Outubro de 2017.

MASCHIETTO, Roberta Holanda. Dilemmas of Peace Studies Fieldwork with Emancipatory Concerns. **Journal of Peace, Conflict & Development**, Vol. 21, Mar/2015.

MILNE, Jevgenia Viktorova. Method: Theory and ethnography in peace and conflict studies. **In: RICHMOND, Oliver (Ed.). Peacebuilding – Critical developments and approaches.** Londres: Palgrave Macmillan, 2010.

PELIZZOLI, Marcelo L. Paz e Conflito – Visão sistêmico-fenomenológica. **In: Cultura de Paz – restauração e direitos.** Recife: Ed. UFPE, 2010.

PREMARATNA, Nilanjana; BLEIKER, Roland. Art and peacebuilding: How theatre transforms conflict in Sri Lanka. **In: RICHMOND, Oliver (Ed.). Peacebuilding – Critical developments and approaches.** Londres: Palgrave Macmillan, 2010.

PUREZA, José Manuel; CRAVO, Teresa. Margem crítica e legitimação nos estudos para a paz. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Vol. 71, Jun./2005, p. 05-19.

RANCIÈRE, Jacques. A Estética como Política. **Devires** (Belo Horizonte), Vol. 07, N° 02, Jul./Dez. 2010, p. 14-36.

RCN JUSTICE ET DÉMOCRATIE. **L’Histoire de RCN Justice & Démocratie commence là où le droit essaie de soigner les blessures humaines.** 2017. Disponível em: <<http://www.rcn-ong.be/-Histoire-?lang=fr>>. Acesso em: 09 de Novembro de 2017.

RICHMOND, Oliver P. Emancipatory forms of human security and liberal peacebuilding. **International Journal**, Vol. 62, N° 03, Summer/2007, p. 458-477.

ROSOUX, Valérie. Arts et Résolution des Conflits. **In: MASSART, F. (Org.). Culture et relations internationales**, Louvain-la-Neuve, Presses universitaires de Louvain, 2007, p. 101-110.

SASLEY, Brent. Emotions in International Relations. **E-International Relations**, jun./2013.

SCHIERENBECK, Isabell. Beyond the local turn divide: lessons learnt, relearnt and unlearnt. **Third World Quarterly**, Vol. 36, N° 05, 2015, p. 1023-1032.

SHANK, Michel; SCHIRCH, Lisa. “Strategic Arts Based Peacebuilding”. **Peace & Change**, Vol. 33, N° 2, 2008, p. 217-242.

STEELE, Brent J.. Recognising, and Realising, the Promise of The Aesthetic Turn. **Millennium: Journal of International Studies**, Vol. 45, N° 2, 2016, p. 206-213.

VASCONCELOS, Carlos Eduardo de. Mediação de Conflitos e Práticas Restaurativas. São Paulo: Método, 2008.

WEBEL, Charles; GALTUNG, Johan. **A Handbook of Peace and Conflict Studies.** London and New York, Routledge, 2007.